

OS DESAFIOS DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

Marília Bazan Blanco¹
Roberta Negrão de Araújo²
Isabelle Maichaki Dalla Costa³
Letícia Cacciolari Bordini⁴
Ana Paula Gonçalves Arantes Gennari⁵

RESUMO: Sabe-se que as dificuldades de leitura podem estar relacionadas a problemas no ensino, como a capacitação dos professores alfabetizadores, os métodos de alfabetização e materiais didáticos utilizados. Assim, objetivo geral do presente estudo foi analisar a percepção de professores alfabetizadores quanto às dificuldades encontradas durante o processo de alfabetização. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário semi-estruturado com 28 professores do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental – anos iniciais, de escolas públicas de um município do norte paranaense. A partir da análise dos resultados, a qual foi fundamentada na Análise Textual Discursiva, evidenciou-se que a maioria dos participantes faz uso do método sintético de alfabetização, possui dificuldades em alfabetizar e não relaciona a sua metodologia com as possíveis dificuldades apresentadas pelos alunos. Sugere-se, portanto, maior aporte teórico e metodológico, decorrente da formação inicial e continuada, que possibilite o conhecimento de estratégias para trabalhar com indivíduos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Métodos; Dificuldades de leitura.

ABSTRACT: It is known that reading difficulties may be related to problems in teaching, such as literacy teacher training, literacy methods and didactic materials used. Thus, the general objective of the present study was to analyze the perception of literacy teachers regarding the difficulties encountered during the alphabetization process. For the data collection, a semi-structured questionnaire was used with 28 teachers from the 1st to 3rd year of Elementary School - initial years, from public schools in a municipality in northern Paraná. Based on the analysis of the results, which was based on the Discursive Textual Analysis, it was evidenced that most of the participants: do not know how to differentiate alphabetization from literacy; make use of the synthetic method; have difficulties in literacy and does not relate their methodology to the possible difficulties presented by the students. It is suggested, therefore, a greater theoretical and methodological contribution, resulting from the initial and continuous training, which allows the knowledge of strategies to work with individuals who present learning difficulties.

KEYWORDS: Alphabetization; Methods; Reading difficulties.

¹ Doutora em Psicologia. Docente do Centro de Ciências Humanas e da Educação e do Programa de Pós Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) *campus* Cornélio Procópio (CCP). mariliabazan@uenp.edu.br.

² Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática. Docente do Centro de Ciências Humanas e da Educação e do Programa de Pós Graduação em Ensino da UENP/CCP. robertanegrão@uenp.edu.br.

³ Estudante do curso de Pedagogia da UENP/CP. Bolsista de Iniciação Científica, Fundação Araucária de Apoio à Pesquisa. isabelle.mdc@gmail.com.

⁴ Estudante do curso de Pedagogia da UENP/CCP. Bolsista de Iniciação Científica, Fundação Araucária de Apoio à Pesquisa. leticiacb_@outlook.com.

⁵ Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Ensino da UENP/CP. Professora Pedagoga da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná. anapaulagennari@seed.pr.gov.br.

1. Introdução

As dificuldades de aprendizagem estão presentes em 15 a 20% das crianças em processo de alfabetização, podendo acometer até 50% dos alunos nos seis primeiros anos de escolarização (ROTTA; OHLWEILER; RIESGO, 2006; COSENZA; GUERRA, 2011; ROTTA, 2016).

Dificuldades de aprendizagem é um termo genérico que abrange um grupo heterogêneo de problemas capazes de alterar as possibilidades de a criança aprender, independentemente de suas condições neurológicas para fazê-lo (ROTTA, 2016, p. 97).

Para Rocha (2015, p. 07), “a dificuldade de aprendizagem é uma das maiores preocupações dos educadores, pois, na maior parte dos casos, não conseguem encontrar soluções para tais problemas”.

A grande maioria dos professores encontra sérios obstáculos no trabalho com alunos que possuem dificuldades de aprendizagem, já que, segundo Rufino e Souza (2012) e Sousa e Trugillo (2011), a maioria apresenta-se despreparados e limitados em relação ao tempo para formular diferentes estratégias e ensinar determinados conteúdos.

De acordo com Rotta (2016) essas dificuldades são provenientes de inúmeros fatores, sendo eles de ordem intrínsecos e extrínsecos, envolvendo a própria criança, a escola e a família. No que diz respeito aos fatores associados a criança, destacam-se os problemas físicos gerais, psicológicos ou neurológicos. Dentre os problemas físicos gerais encontram-se, por exemplo, as dificuldades visuais e auditivas, as doenças crônicas, as anemias, a desnutrição e as doenças reumáticas.

Já nos fatores psicológicos encontram-se a baixa autoestima, a timidez, a ansiedade, depressão e os transtornos de comportamento. E por fim, nos fatores neurológicos, destacam-se deficiência intelectual, paralisia cerebral e epilepsia (ROTTA, 2016).

Os fatores relacionados a família englobam a condição socioeconômica, desagregação familiar, nível escolar dos pais e hábitos de leitura familiar (ROTTA, 2016). Neste sentido, destaca-se de que as primeiras aprendizagens ocorrem com a família, como por exemplo a aprendizagem da língua materna, “marca da identidade cultural e ferramenta imprescindível para

que a criança se aproprie do mundo a sua volta” (BOCK et al., 2002, p. 249). Contudo, sabe-se que, nos dias de hoje, essa função tem sido amplamente dividida com instituições educacionais.

Quando diz respeito à escola, Ohlweiler (2016) aborda as condições físicas da sala de aula, condições pedagógicas, material didático, condições do corpo docente assim como método pedagógico. Assim, diferentemente dos Transtornos de Aprendizagem (TA), como a dislexia, que possui base neurobiológica, relacionada a disfunções no Sistema Nervoso Central (SNC), as dificuldades de leitura podem envolver problemas no ensino, como a capacitação dos professores alfabetizadores assim como os métodos de alfabetização e materiais didáticos utilizados (CIASCA, 2015).

Deste modo, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a percepção dos professores alfabetizadores quanto às dificuldades enfrentadas no processo de alfabetização das crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Quanto aos objetivos específicos, buscar-se-á identificar os métodos de alfabetização utilizados pelos professores e analisar de que forma estes fazem uso o livro didático no processo de alfabetização. A presente pesquisa, de caráter qualitativo, faz uso da Análise Textual Discursiva para analisar a percepção dos professores quanto o processo de alfabetização.

2. Alfabetização e as dificuldades de leitura

Dentre as dificuldades de aprendizagem abordadas, a de leitura é a mais discutida na literatura atual. Isso acontece por sua importância na sociedade e pelas numerosas dificuldades encontradas no processo de sua aquisição. Segundo Siqueira e Gurgel-Giannetti (2011), a dificuldade de leitura e compreensão está dentre os maiores obstáculos na aprendizagem, acarretando posteriores prejuízos tanto educacionais quanto emocionais e sociais (SIQUEIRA; GURGEL-GIANNETTI, 2011).

A aprendizagem da leitura e da escrita para o desenvolvimento social é algo que devemos considerar essencial, pois é através do conhecimento que desenvolvemos habilidades necessárias para a construção de um indivíduo com percepção reflexiva e crítica (ROCHA, 2015, p. 3)

De acordo com o Relatório da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) de 2016, 6,60% dos estudantes brasileiros do terceiro ano do ensino fundamental encontram-se no nível elementar de leitura; 42,02% dos estudantes concentram-se no nível básico; 40,63% no nível considerado adequado e somente 10,75% no nível desejável, sendo esse último considerado o nível proficiente, no qual as crianças manifestam habilidades mais complexas, como compreender o sentido da palavra ou do texto, reconhecer os integrantes de um diálogo e identificar o referente de pronomes possessivos e de advérbios de lugar (BRASIL, 2016).

Segundo Stroiek e Silva (2016), quando a criança ingressa na Educação Infantil, já tem domínio da linguagem oral, vocabulário e regras gramaticais, adquiridos no contato com as pessoas que a cercam. De acordo com Cosenza e Guerra (2011, p. 101),

[...] falar é fácil, mas ler já é um pouco mais difícil. A linguagem escrita, exatamente por ser uma aquisição recente na história da nossa espécie, não dispõe de um aparato neurobiológico preestabelecido. Ela precisa ser ensinada, ou seja, é necessário o estabelecimento de circuitos cerebrais que a sustentem [...].

Assim, tanto a leitura quanto a escrita necessitam de aprendizagem escolar formal, sendo relacionadas ao processo de alfabetização (STROIEK; SILVA, 2016).

Soares e Batista (2005) definem a alfabetização como:

[...] o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica. O domínio dessa tecnologia envolve um conjunto de conhecimentos e procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação quanto às capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita (2005, p. 24).

Soares (2004) define alfabetização como “a aquisição do sistema convencional de escrita, o aprender a ler como decodificação e a escrever como codificação” (p. 14-15); já o letramento é definido como “o desenvolvimento de habilidades textuais de leitura e de escrita, o convívio com tipos e gêneros variados de textos e de portadores de textos, a compreensão das funções da escrita” (p. 15).

O processo de alfabetização refere-se à aprendizagem inicial da leitura e da escrita, sendo este um processo complexo e multifacetado, que depende do desenvolvimento de diversas habilidades e de diversas condições (SOARES, 2017). Segundo Capovilla e Capovilla (2007) os

educadores são os responsáveis por promover o desenvolvimento das competências e habilidades necessárias pelos educandos, buscando soluções educacionais.

Existem diversos métodos utilizados pelos professores para a alfabetização. Soares (2017) define métodos de alfabetização como um conjunto de procedimentos que orienta a aprendizagem inicial da língua escrita, embasados por teorias e princípios, orientando a alfabetização.

De acordo com Sebra e Dias (2011), há uma confusão entre às diferentes características dos métodos de alfabetização. Os mesmos distinguem-se em relação ao ponto de partida do processo e o encaminhamento da alfabetização (método analítico ou sintético), na unidade mínima de análise na relação entre fala e escrita (método global, silábico e fônico) e o tipo de estimulação envolvida (método multissensorial e tradicional). Portanto, o professor deve ter ciência de que a escolha do método pode influenciar e ser uma das causas das dificuldades no processo de alfabetização.

Capellini, César e Germano (2017) apregoam que, para que a criança consiga se apropriar da leitura, precisa conhecer as letras bem como apresentar habilidades metafonológicas: identificação e manipulação dos fonemas, e nomeação automática rápida, como nomear letras, dígitos ou objetos. Estes são preditores de leitura, e dificuldades com essas habilidades resultam em dificuldades na aquisição da leitura.

Capovilla e Capovilla (2007) ainda ressaltam que a Educação deve promover o desenvolvimento das competências e habilidades dos educandos. Diante da dificuldade de aprendizagem, os professores devem buscar um método apropriado para ajudá-los a aprender e a desenvolver-se, apesar dessas limitações. Ainda expõem que boa parte do esforço do verdadeiro educador diz respeito à busca de um método apropriado para ajudar eficazmente seus educandos no desafio da aprendizagem e do desenvolvimento.

3. Encaminhamentos Metodológicos

Com a finalidade de analisar as percepções dos professores no que tange às dificuldades enfrentadas no processo de alfabetização, a coleta de dados empíricos foi realizada com 28 participantes que atuam como professores do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental – anos iniciais,

em escolas públicas de um município do norte paranaense. Assinala-se que todas as participantes eram do gênero feminino e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Quanto ao perfil, este foi traçado por meio da média de atuação na rede municipal e na alfabetização, gênero, graduações e pós-graduações cursadas. Assim, a média de atuação na rede municipal é de aproximadamente 12,7 anos (mínimo de 4 meses ou $\cong 0,3$ anos; máximo de 45 anos). Já a média de atuação na alfabetização é de aproximadamente 8,4 anos (mínimo de 2 meses ou $\cong 0,1$ anos; máximo de 18 anos).

Em relação à formação, sinaliza-se que cinco ($\cong 17,85\%$) participantes cursaram o Ensino Normal, sendo que uma só possui o curso de Formação Docente em Nível Médio. Há uma ($\cong 3,57\%$) graduada em Geografia; uma ($\cong 3,57\%$) em História, três ($\cong 10,71\%$) em Letras Português- Inglês e duas ($\cong 7,14\%$) participantes são graduadas em Licenciatura em Ciências, sendo que uma ($\cong 3,57\%$) delas possui habilitação em Biologia e Pedagogia. Há ainda, quinze participantes ($\cong 53,57\%$) graduadas em Pedagogia e duas ($\cong 7,14\%$) possuem mais de um curso. Constatou-se que aproximadamente 92,85% das participantes possuem Pós-Graduação em nível de especialização Lato Sensu.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário aplicado no ano de 2017 com as professoras alfabetizadoras, sendo composto por questões dissertativas, que versaram sobre o entendimento das mesmas quanto ao entendimento sobre alfabetização e letramento, os métodos de alfabetização utilizados em sala de aula, as dificuldades encontradas no processo, tanto pelas crianças quanto pelas próprias professoras e a utilização do livro didático e de atividades diferenciadas. No que diz respeito à leitura do corpus, esta contou com o a codificação em que P é adotado para participante, C para categoria, SC para subcategoria e U para unidades. Salienta-se que todos os códigos são seguidos por sua respectiva numeração.

A análise dos resultados pautou-se nos pressupostos da Análise Textual Discursiva (ATD), visto que esta metodologia de abordagem qualitativa visa produzir novas compreensões à cerca dos fenômenos e discursos (MORAES, 2003). A seguir são apresentadas as categorias, a subcategoria e as unidades de análise elencadas a priori.

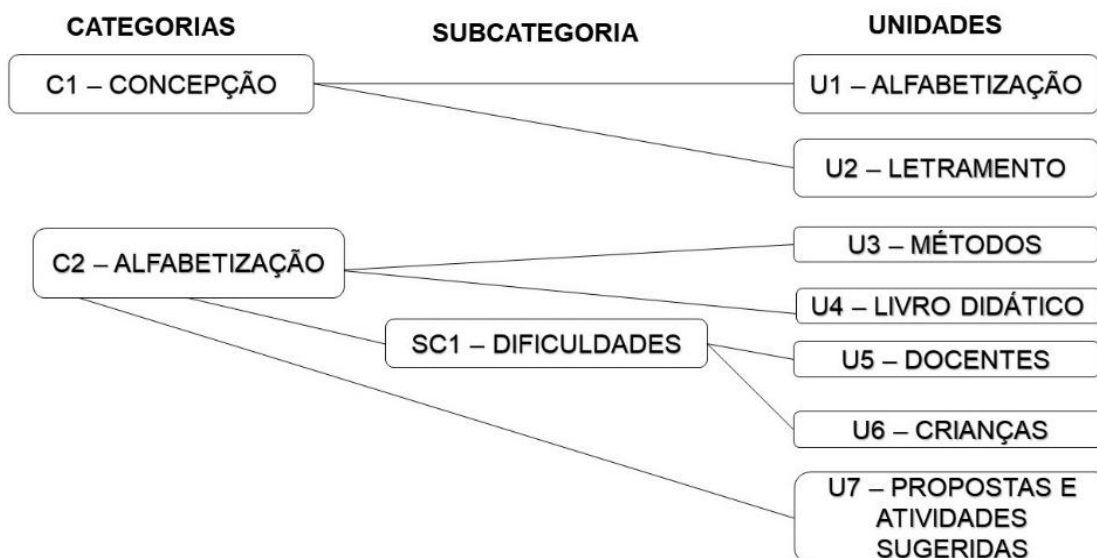


Figura 1: Categorias, Subcategoria e Unidades de Análise

Fonte: Organizado pelas autoras.

A primeira categoria denominada “C1 – Concepção”, possui duas unidades: “U1 – Alfabetização” e “U2 – Letramento”. Com isso, buscou-se captar a percepção das professoras alfabetizadoras quanto aos processos de Alfabetização e Letramento.

A segunda categoria corresponde a “C2 – Alfabetização”, composta pelas unidades “U3 – Métodos”, “U4 – Livro Didático”, a subcategoria “SC1 – Dificuldades” e suas respectivas unidades “U5 – Docentes” e “U6 – Crianças”. Por fim, a “U7 – Propostas e atividades sugeridas”. Logo, o intuito era elencar os métodos, bem como constatar o uso do livro didático no referido processo. Assim como analisar as dificuldades das participantes e identificar as principais dificuldades das crianças na alfabetização. E, ainda, conhecer as atividades diferenciadas utilizadas pelas participantes ao alfabetizarem seus alunos.

4. Resultados e Discussão

Após a análise e a interpretação dos dados coletados por meio do questionário, apresenta-se, nesta seção, as categorias, a subcategoria, as unidades com os excertos das respostas mais expressivas.

Quadro 2 - Categoria Concepção e suas respectivas unidades

CATEGORIA	UNIDADES	EXCEROTOS
C1 – CONCEPÇÃO	U1 – ALFABETIZAÇÃO	“Alfabetização é quando o indivíduo sabe ler e escrever” (P03). “Codificar e decodificar símbolos gráficos” (P16). “Alfabetização: é o reconhecimento das letras e dos numerais e a codificação dos mesmos [...]” (P18). “[...] ensinar a codificar e a decodificar” (P21).
	U2 - LETRAMENTO	“Letramento é quando o indivíduo lê e compreende o que leu, interpreta, aprende” (P01). “[...] letramento é a interpretação do mundo com a escrita, é um fim social [...]” (P02). “[...] letramento é quando a pessoa adquire esse conhecimento e o utiliza no seu dia a dia suprindo suas necessidades” (P08). “É ensinar o aluno a ler e a escrever no contexto das práticas sociais de leitura e escrita. [...], introduzir a cultura letrada, fazendo com que o aluno entenda o uso social da leitura e escrita” (P21).

Fonte: Organizado pelas autoras.

Na “C1 – Concepção”, a maioria ($\cong 53,57\%$ - 15 participantes) não distinguiu o processo de Alfabetização do processo de Letramento. Por exemplo, a P17 mencionou que “Estar alfabetizado não significa apenas domínio das capacidades de codificar e decodificar, mas também o domínio de outros conhecimentos que possibilitem o uso da escrita em práticas sociais”.

Quanto à diferença entre alfabetizado e letrado, Soares (1998, p. 39-40) explica que:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 1998, p. 39-40).

Logo, uma pessoa pode ser alfabetizada e não ser letrada. Isto pois, se sabe ler e escrever, porém não é capaz de interpretar um texto que foi lido, ela é alfabetizada, mas não letrada.

Quanto à “U1 – Alfabetização”, 13 participantes ($\cong 46,42\%$) informaram que alfabetizar corresponde a habilidade de codificar e aprender a leitura e a escrita.

Segundo Soares e Batista (2005, p. 24), esse termo pode ser compreendido como:

[...] o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica. O domínio dessa tecnologia envolve

um conjunto de conhecimentos e procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação quanto às capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita.

As respostas das participantes P13 e P15 vão ao encontro da explicação de Soares e Batista (2005). Para a P13, “a alfabetização é o primeiro ‘passo’ para a aprendizagem. Nessa etapa, trabalha-se o sistema alfabético e ortográfico de escrita, bem como, as técnicas para o seu uso”. E a P15 complementa ao dizer: “se ela lê mas não consegue transmitir o que leu é alfabetizada mas não letrada”.

Em relação à “U2 – Letramento”, aproximadamente 46,42% (13 participantes) responderam que ao fazer a leitura do mundo, de modo a usar a leitura e escrita nas práticas sociais do dia a dia, significa que o indivíduo é letrado.

Segundo P13,

[...]o letramento é o segundo “passo” para aprendizagem, nele se trabalha o desenvolvimento de competências para que ocorra o uso da leitura e da escrita conforme as práticas sociais que envolvem o processo com objetivos, funções, orientações, e, a ampliação do conhecimento para o uso da tecnologia da escrita (P13).

Soares (2004, p. 14) explica que

Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004, p. 14).

Portanto, na medida em que se ensina a ler e a escrever dentro de um contexto, no qual a leitura e a escrita sejam usadas para uma prática social que faça sentido na vida do indivíduo, ocorre o Letramento.

No que diz respeito a “C2 – Alfabetização”, na “U3 – Métodos”, após a análise das respostas, constatou-se que quatorze participantes mencionaram que usam o método sintético; destas, 08 (\cong 28,57%) utilizam o método fônico, 04 (\cong 14,28%) fazem uso do método silábico e 02 (\cong 7,14%) implementam o método alfabético. Aproximadamente 21,42% das participantes empregam variados métodos e duas participantes (\cong 7,14%) disseram que usam o método

analítico. É válido salientar que as respostas apresentavam mais de um método de Alfabetização, sem que fosse especificada a utilização do método misto.

Além disso, duas participantes ($\cong 7,14\%$) destacaram que usam variados métodos, desde que a criança consiga aprender. Nesse sentido, a P06 explicou: “Na verdade usamos um pouco de cada método com o objetivo de dar aos alunos meios para uma alfabetização ampla que o torne um verdadeiro cidadão”.

Em que pese, constatou-se que 12 participantes ($\cong 42,85\%$) apresentaram respostas diversas, não indicando, propriamente, métodos de alfabetização: o Construtivismo (4 participantes – $\cong 14,28\%$); o Histórico Crítico (2 participantes – $\cong 7,14\%$); o Tradicional (2 participantes – $\cong 7,14\%$) e o Pacto Nacional pela Alfabetização (2 participantes – $\cong 7,14\%$).

Faz-se necessário sinalizar que o ensino brasileiro foi influenciado pelos métodos de alfabetização. Segundo Mortatti (2006, p. 4) o primeiro método foi o sintético “[...] (da ‘parte’ para o ‘todo’): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes as letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas”. Deste modo, priorizava-se a leitura e a escrita era introduzida depois.

Em contraposição surgiu o método analítico, por meio do qual “[...] o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo ‘todo’, para depois se proceder à análise de suas partes constitutivas” (MORTATTI, 2006, p. 7). Assim, a alfabetização iniciava-se pela palavrção, por sentencição e historietas para chegar nas sílabas e letras.

A partir de meados da década de 1920 até o final da década de 1970 buscou-se conciliar os métodos anteriores, de modo a originar o método misto. Para Mortatti (2006, p. 10) esse ecletismo processual correspondia “[...] a alfabetização sob medida, de que resulta o como ensinar subordinado à maturidade da criança a quem se ensina”. E a partir da década de 1980, sob a influência da teoria construtivista houve uma desmetodização da alfabetização, “[...]decorrente da ênfase em quem aprende e o como aprende a língua escrita (lecto-escritura) [...]”, de tal modo que se criou a ilusão de que a “[...] aprendizagem independe do ensino” (MORTATTI, 2006, p. 11).

Diante do exposto, aponta-se que na medida que novas concepções teóricas emergiram, sucumbiram-se um método em detrimento do outro. É primordial que se conheça aquilo que

constitui e já constituiu o modo de pensar e agir de professores alfabetizadores, de modo que se compreenda o que desse passado insiste em permanecer (MORTATTI, 2006).

Quanto à “U4 – Livro Didático”, somente uma participante ($\cong 3,57\%$) informou que não utiliza o livro didático em suas aulas. Por outro lado, aproximadamente 96,42% das participantes (27) afirmaram que o utilizam. No que concerne ao modo de utilização do livro didático nas aulas, averiguou-se que: dezessete ($\cong 60,71\%$) participantes informaram que o utilizam como apoio no cotidiano escolar, nove ($\cong 32,14\%$) relataram que leem textos presentes no livro e outras nove ($\cong 32,14\%$) mencionaram que o utilizam para tarefa de casa e exercícios de fixação em classe. Aproximadamente 14,28% das participantes (04) comentaram que fazem uso do livro conforme a necessidade de conteúdos, uma ($\cong 3,57\%$) participante comentou que usa de acordo com os objetivos propostos, já outra ($\cong 3,57\%$) usa para a elaboração do planejamento e uma ($\cong 3,57\%$) participante alegou que utiliza para a introdução de conteúdos.

Segundo a P21 a utilização não ocorre o “[...] tempo todo, pois depende do nível da turma e dos conteúdos oferecidos no livro. Aproveito bastante os diversos gêneros textuais e atividades de leitura e escrita”.

Vale enfatizar que o livro didático não pode ser considerado como uma fonte de saber absoluta, uma vez que pode conter erros ortográficos, anacronismos, defasagem de conteúdo. Ainda, segundo Moreira (2000), para que uma aprendizagem seja considerada significativa e crítica, o professor não deve centrar seu ensino no livro texto, e sim fazer uso de diversos materiais educativos e instrucionais. Isso não significa que o professor deva “banir da escola o livro didático, mas de considerá-lo apenas um dentre vários materiais educativos” (MOREIRA, 2010, p. 10)

Destarte, Lajolo (1996, p. 8) argumenta que “o pior livro pode ficar bom na sala de um bom professor e o melhor livro desanda na sala de um mau professor. Pois o melhor livro, repita-se mais uma vez, é apenas um livro, instrumento auxiliar da aprendizagem”. Portanto, o uso que o(a) docente faz deste material dependerá de suas concepções de homem, mundo e sociedade que deseja formar.

A P26 disse que utiliza “[...] como um recurso para estimular a leitura dos alunos, assim sendo, procuro extrair dele o que ele tem de melhor dentro do processo de alfabetização”. Logo, o

livro poderá ser um facilitador da aprendizagem e do próprio desenvolvimento da aula ou um suporte teórico, ou ainda, um apoio pedagógico.

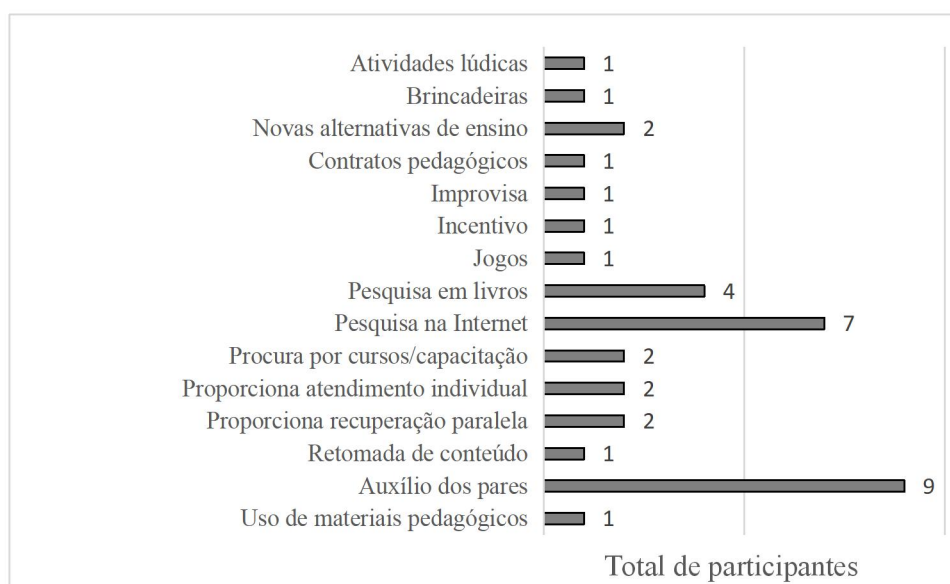
No que se refere à “SC1 – Dificuldades”, na “U5 – Docentes”, 19 participantes ($\cong 67,85\%$) disseram que apresentam dificuldades no processo de alfabetização.

Para a P14, falta “[...] conhecimento específico de como alfabetizar”. Segundo Morais e Beserra (2016, p. 285), “[...] em algumas situações esse profissional sequer é habilitado para exercer tal função, já que muitos não tiveram formação apropriada ou sequer sabem quais as 2 etapas de um processo de construção da escrita”. E a P06 alegou que “[...] falta uma eficiente educação continuada” para os alfabetizadores.

Por outro lado, a P21 argumentou que o que dificulta, na verdade, é a variedade de “[...] níveis de leitura e escrita que cada criança se encontra [...]”. E, por mais que não seja uma tarefa fácil, ela afirmou que alfabetizar é algo muito gratificante. Por isso, a dificuldade do docente dependeria do nível da turma. Para a P19 cada criança é única, de modo que há “[...] em uma mesma turma dificuldades diferenciadas e isto se torna um desafio”.

Quando indagadas sobre a procura por estratégias que visam a superação das dificuldades relacionadas à Alfabetização, a maioria ($\cong 47,36\%$ - 09 participantes) indicou que busca auxílio com seus pares e aproximadamente 36,84% das participantes (07) comentaram que recorrem à pesquisa na Internet.

Gráfico 1 – Estratégias para a superação das dificuldades no processo de Alfabetização



Fonte: Organizado pelas autoras

Em que pese, 09 participantes ($\cong 32,14\%$) informaram que não tem dificuldades ao alfabetizar as crianças. Embora tenha informado que não tem dificuldade ao alfabetizar, a P13 comentou:

[...] quando há alunos que apresentam maior grau de dificuldade na aprendizagem, indisciplina ou algum outro tipo de desempenho que requer atenção maior como necessidade especial, psicólogo, emocional... Necessitam de um atendimento individualizado, portanto (em um desses casos) procuro pesquisar sobre o assunto, troca e experiências, novas formas de trabalhar” (P13).

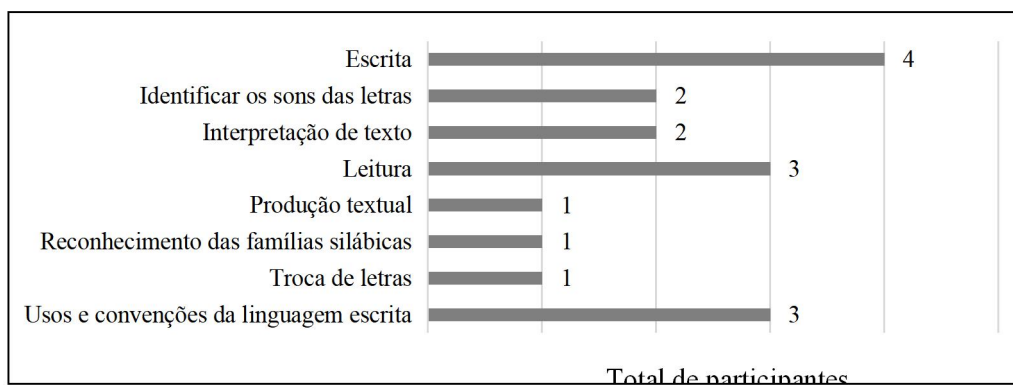
Tal ação docente vem ao encontro dos dizeres de Cagliari (1998, p. 89), a saber:

[...] quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como uma criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem desenvolvendo a sua interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá o professor de encaminhar de forma produtiva o processo de aprendizagem (CAGLIARI, 1998, p. 89).

No período de alfabetização, portanto, o(a) docente é de extrema importância (MORAIS; BESERRA, 2016), sendo necessária uma formação que possibilite o engajamento na busca de estratégias que propiciem tanto o alfabetizar quanto o letrar.

Já na “U6 – Crianças”, apurou-se que as principais dificuldades apresentadas pelas crianças correspondem a escrita, leitura e usos e convenções da linguagem escrita. Os dados seguem apresentados no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Dificuldades apresentadas pelas crianças no processo de alfabetização



Fonte: Organizado pelas autoras.

É perceptível que as dificuldades estão relacionadas à aquisição da linguagem escrita, bem como ao reconhecimento das letras e seus respectivos sons.

Além das dificuldades exibidas no Gráfico 2, as participantes citaram situações que podem ser consideradas como possíveis causas das dificuldades, a saber: Disgrafia ($\cong 3,57\%$ - uma participante); Dislexia ($\cong 3,57\%$ - uma participante); falta de atenção e concentração ($\cong 28,57\%$ - oito participantes); falta de comprometimento familiar ($\cong 32,14\%$ nove participantes); falta de interesse ($\cong 17,85\%$ - cinco participantes); falta de maturidade ($\cong 7,14\%$ - duas participantes); indisciplina ($\cong 7,14\%$ - duas participantes); problemas na inclusão ($\cong 7,14\%$ - duas participantes), problemas emocionais ($\cong 3,57\%$ - uma participante), e Transtorno e Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ($\cong 10,71\%$ - três participantes).

Evidenciou-se que nenhuma participante atrelou a dificuldade de aprendizagem da criança à metodologia utilizada em sua aula. Isto merece atenção, visto que se não é feita essa correlação, pode ser que não se procure por alternativas que poderiam favorecer a aprendizagem dos alunos que apresentam dificuldades. Por essa razão, deve-se enfatizar a relevância do processo de ensino para que haja a diminuição das dificuldades de aprendizagem.

No que se refere a “U7 – Propostas e atividades sugeridas”, duas participantes ($\cong 7,14\%$) responderam que não usam estratégias diferenciadas.

A P18 relatou que “prepara atividade que possa ser realizada por todos e especialmente o aluno com dificuldades”. Por isso, não considera que faz uso de atividades diferenciadas para trabalhar as dificuldades de alfabetização.

Cabe mencionar que uma participante ($\cong 3,57\%$) não emitiu resposta sobre isso. Por outro lado, a maioria ($\cong 89,28\%$) das participantes afirmou que utiliza atividades diferenciadas em suas aulas. A seguir, no Gráfico 3, são expostas as atividades sugeridas pelas participantes:

De acordo com a P15, a escolha das atividades depende da criança. Dentre as estratégias, ela citou: “[...] leitura de histórias infantis; [...] atividades de atenção, concentração e raciocínio que auxiliam muito no processo de alfabetização; [...] quadrinhos e músicas conhecidas (folclore)”.

Para Petrolino (2007, p. 22) “a leitura e a escrita são duas habilidades complexas e imprescindíveis para a aquisição das demais habilidades escolares e para o conhecimento”.

Todavia, aprender a ler e a escrever não é uma tarefa fácil para nenhuma criança, visto que tais habilidades não faziam parte do seu cotidiano. Ainda, segundo Cosenza e Guerra (2011), uma vez que o homem não possui sistemas cerebrais predefinidos para a sustentação da leitura, essa exige um ensino sistematizado, e mais difícil de ser adquirida do que a linguagem oral.

De acordo com Capovilla e Dias (2007), “com o início da alfabetização formal, a criança passa a compreender que a escrita mapeia os sons da fala e apreende as regras de correspondência grafofonêmicas” (p. 364), e depois torna-se capaz de converter o som em escrita, lendo palavras novas assim como pseudopalavras. Essa leitura pode ser, inicialmente, sem compreensão, pois embora a conversão letra-som seja realizada, todos os recursos de atenção e memória são utilizados para a decodificação, e assim o significado não é alcançado. No entanto, a partir da automatização da decodificação, a criança consegue ler com significado. “Finalmente, com a prática e a exposição gradual a textos [...]o leitor já possui um léxico mental ortográfico, podendo relacionar a palavra escrita diretamente ao seu significado e fazer uma leitura competente” (p. 364), sem necessitar da conversão fonológica.

Frente a complexidade do processo de aquisição da leitura, é primordial que o professor tenha conhecimento de todo esse do processo, de tal modo que, ao se deparar com as diversas manifestações de dificuldades de aprendizagem das crianças no ambiente escolar, o docente possa identificá-las. Assim, poderá buscar estratégias e recursos metodológicos, bem como materiais didáticos que possam contribuir para a preparação de atividades que visem a superação das dificuldades ou até mesmo que se faça o encaminhamento para um atendimento especializado.

Santos (2009, p. 6) elucida que as dificuldades de aprendizagem “[...] apresentam-se como um contínuo, desde situações leves e transitórias que podem se resolver espontaneamente no curso do trabalho pedagógico, até situações mais graves e persistentes que requerem o uso de recursos especiais para a sua solução”. O importante é o docente estar atento às manifestações, de modo a buscar as estratégias de ensino que melhor se adeque àquela situação.

5. Considerações Finais

Com o intuito de analisar as percepções de professoras alfabetizadoras quanto às dificuldades enfrentadas no processo de alfabetização, a presente pesquisa foi realizada com

participantes que atuam em um município do norte paranaense. Destarte, constatou-se que, embora trabalhem com crianças que estão no ciclo de alfabetização, a maioria das participantes ($\cong 53,57\%$ - 15 participantes) não soube diferenciar o processo de Alfabetização do processo de Letramento.

No que diz respeito aos métodos, a maioria relata que faz uso do método sintético, principalmente o fônico. No entanto, doze participantes apresentaram respostas que não dizem respeito, especificamente, a métodos de alfabetização, uma vez que indicaram o construtivismo, o histórico-crítico e o Pacto. Em relação ao Livro Didático, averiguou-se que a maioria ($\cong 96,42\%$) das participantes utiliza-o como instrumento de apoio para a preparação de atividades.

No que concerne às dificuldades do(a)s docentes em alfabetizar, a maioria das participantes ($\cong 67,85\%$) relatou que sente dificuldades, as quais perpassam pela formação deficitária, falta de interesse do(a)s aluno(a)s e salas numerosas. Quando indagadas sobre a procura por estratégias que visam a superação das dificuldades relacionadas à alfabetização, a maioria ($\cong 47,36\%$) indicou que busca auxílio com seus pares e aproximadamente 36,84% das participantes comentaram que recorrem à pesquisa na Internet.

No que refere às dificuldades das crianças, as participantes disseram que as principais se associam à apropriação da linguagem escrita, mas há dificuldades, também, no reconhecimento das letras e do som destas. As participantes elencaram, ainda, situações que podem ser consideradas como possíveis causas das dificuldades das crianças, sendo as principais: falta de comprometimento familiar, falta de atenção e concentração, transtornos de aprendizagem e TDAH e problemas na inclusão. Cabe salientar que as participantes não fizeram menção sobre as dificuldades terem relação com a metodologia utilizada por elas nas aulas. Tal fato pode levar à ausência de busca de novas estratégias, as quais poderiam contribuir para sanar as dificuldades de aprendizagem. E quanto ao uso de atividades diferenciadas, aproximadamente 89,28% das participantes afirmaram que trabalham com atividades diversificadas, conforme a necessidade de cada criança.

Diante do exposto, enfatiza-se a necessidade das professoras e professores conhecerem os pressupostos teóricos e metodológicos que subsidiam tais processos, para que a Alfabetização e o Letramento ocorram satisfatoriamente. Assim como é fundamental que estes profissionais saibam distinguir tais conceitos e que possam identificar as relações, bem como as consequências destes

nos processos de ensino e de aprendizagem. Além disso, o alfabetizador necessita de uma formação adequada, tanto inicial quanto continuada, que possibilite o conhecimento de estratégias para trabalhar com indivíduos que apresentam dificuldades de aprendizagem, mas que, na ausência de uma boa formação, seja capaz de buscar novas alternativas e/ou maneiras de contribuir com a alfabetização e o letramento dos alunos.

Referências

- BOCK, A. M. B. *et al. Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. São Paulo, Saraiva, 2002.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Relatório da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA)*. Documento básico. Brasília, DF: INEP, 2016.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bo-Bu*. São Paulo: Scipione, 1998.
- CAPELLINI, S. A.; CÉSAR, A. B. P.; GERMANO, G. D. *Protocolo de Identificação Precoce dos Problemas de Leitura*. Booktoy: Livraria e Editora, 2017.
- CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. *Alfabetização: Método fônico*. 4. ed. São Paulo: Mennon, 2007.
- CAPOVILLA, A. G. S.; DIAS, N. M. Desenvolvimento de estratégias de leitura no ensino fundamental e correlação com nota escolar. *In: Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, dez. 2007. p. 363-382. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v13n2/v13n2a10.pdf>> . Acesso em: 24 abr. 2019.
- CASCONE, O. B.; SFORNI, M. S. F. *Organização do ensino e aprendizagem conceitual: possibilidades formativas no livro didático*. Universidade Estadual de Maringá, 08 e 09 de junho de 2009.
- CIASCA, S. M. Distúrbios e dificuldades de aprendizagem: questão de nomenclatura. *In: CIASCA, S. M. (Org.). Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2003.
- COSENZA, R. M.; GUERRA, L. B. *Neurociência e educação: como o cérebro aprende*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- LAJOLO, M. Livro didático: um (quase) manual de usuário. *In: Em Aberto*. Brasília, ano 16, n. 69, jan/mar, 1996.
- MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*, v. 9, n. 2, 2003. p. 191-211.
- MORAIS, M. J. L. S.; BESERRA, T. M. A. C. Desafios e Dificuldades do professor alfabetizador. *In: Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, v. 10, n. 31. Supl. 2, Set/Out, 2016. p. 282-290.
- MOREIRA, M. A. Aprendizagem significativa crítica. *In: Atas do III Encontro Internacional sobre Aprendizagem Significativa*, Lisboa (Peniche), 2000. p. 33-45.
- MOREIRA, M. A. *Aprendizagem significativa Crítica*. Porto Alegre: Instituto de Física da UFRGS, 2010. Disponível em: <<http://www.if.ufrgs.br/~moreira/apsigcritport.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

- MORTATTI, M. R. L. A “querela dos métodos” de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. *Revista ACOALFAPlp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa*, São Paulo, ano 3, n. 5, 2008. Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net>>. Publicado em: setembro 2008.
- MORTATTI, M. R. L. *História dos métodos de alfabetização no Brasil*. Portal MEC, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2019.
- OHLWEILER, L. Introdução aos transtornos de aprendizagem. In: ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. *Transtornos de aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 107-111.
- PETROLINO, A. P. S. *Dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita*. Monografia (Especialização) – Universidade de Brasília. Centro de Ensino a Distância. Brasília, 2007.
- ROCHA, T. J. D. *Dificuldades de aprendizagem e suas implicações no processo de ensino*. 2015. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2015.
- ROTTA, N. T. *Dificuldades para aprendizagem*. In: ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. (Orgs). *Transtornos da Aprendizagem: Abordagem neurobiológica e multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2016. p.95-104.
- ROTTA, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R.S. *Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed; 2006:447p.
- RUFINO, D.; SOUZA, I. Dificuldades de aprendizagem na escola: o olhar do professor. *Eventos Pedagógicos*, Sinop, v. 3, n. 3, dez. 2012. p. 44-52.
- SANTOS, N. M. *Problematização das dificuldades de aprendizagem*. Londrina: UEL, 2009.
- SEBRA, A. G.; DIAS, N. M. Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. *Revista de Psicopedagogia*, vol. 28, n.87, 2011. p. 306-320.
- SIQUEIRA, C. M.; GURGEL-GIANETTI, J. G. Mau desempenho escolar: uma visão atual. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 57, n. 1, p. 78-87, 2011.
- SOARES, M. *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto, 2017.
- SOARES, M. B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*. n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.
- SOARES, M. B. Letramento em Verbete: O que é Letramento? In: SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. São Paulo: Autêntica, 1999, p. 15-25.
- SOARES, M. B. O que é letramento e alfabetização. In: SOARES, M. B. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- SOARES, M. B.; BATISTA, A. A. G. *Alfabetização e letramento: caderno do professor*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFGM, 2005.
- SOARES, M.; BATISTA, A. A. G. B. *Alfabetização e Letramento*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFGM, 2005.
- STROIEK, S. R.; SILVA, L. B. O papel da consciência fonológica no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. In: *Revista de Educação do IDEAU*, vol. 11, n. 24, Jul/Dez 2016. Disponível em: <https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/372_1.pdf> .Acesso em: 24 abr. 2019.

SOUSA, I.; TRUGILLO, E. Dificuldades de aprendizagem do aluno nos anos iniciais. *Eventos Pedagógicos*, Sinop, v.2, n. 2, dez. 2011. p. 92-101.